

URSULA K. LE GUIN

Uma interpretação moderna do clássico do taoísmo na visão
de uma das mais importantes escritoras americanas do século xx

TAO TE CHING

de Lao Tzu

UM LIVRO ACERCA DA VIA
E DO PODER DA VIA



FAROL

ÍNDICE

Introdução 9

TAO TE CHING, DE LAO TZU

Livro Um: Capítulos 1-37 11

Livro Dois: Capítulos 38-81 55

NOTAS

Acerca Desta Versão 111

Fontes 113

Notas Acerca de Algumas Escolhas de Terminologia 117

Os Dois Textos do *Tao Tê Ching* 121

Notas Acerca dos Capítulos 123

INTRODUÇÃO

O *Tao Te Ching* foi provavelmente escrito há cerca de 2500 anos, talvez por um homem chamado Lao Tzu, que pode ter vivido por volta da mesma época que Confúcio. Nada acerca dele é seguro, exceto ser chinês, muito antigo e as pessoas identificarem-se com ele em toda a parte, como se tivesse sido escrito ontem.

O primeiro *Tao Te Ching* que vi foi a edição de Paul Carus de 1898, encadernado em tecido amarelo estampado com desenhos e caracteres chineses azuis e vermelhos. Era um venerável objeto misterioso, que logo investiguei e descobri ser mais fascinante por dentro que por fora. O livro pertencia ao meu pai que o lia frequentemente. Uma vez, vi-o a tomar notas com ele aberto e perguntei-lhe o que estava a fazer. Disse-me que estava a marcar os capítulos que gostaria que fossem lidos no seu funeral. De facto, lemos esses capítulos no seu serviço fúnebre.

Tenho o livro, agora com 98 anos, a certa altura ornamentado com fita adesiva vermelha para conservar a parte de trás, tendo marcado os capítulos que gostaria que fossem lidos no meu funeral. Nas Notas, explico porque tive tanta sorte em descobrir Lao Tzu nesta particular edição. Aqui, direi apenas que tive sorte em descobri-lo tão nova, de modo a poder viver com este livro toda a minha vida.

Abordo igualmente outros aspetos da minha versão nas Notas: o seu como. Aqui, quero declarar muito brevemente o seu porquê.

O *Tao Te Ching* está parcialmente em prosa e parcialmente em verso; mas, tal como definimos poesia agora, não pela rima e pela métrica, mas como uma intensidade modelar da linguagem, tudo aquilo é poesia. Quis captar essa poesia, a sua concisa e estranha beleza. A maioria das traduções captaram sentidos na sua rede, mas, prosaicamente, deixando a beleza passar despercebida. Ora, na poesia, a beleza não é um ornamento, é o sentido. É a verdade. Sei-o de fonte segura.

As traduções académicas do *Tao Te Ching* como um manual para governantes usam um vocabulário que enfatiza a singularidade do «sábio» taoista, a sua masculinidade, a sua autoridade. Esta linguagem ficou perpetuada, e degradada, nas versões mais populares. Quis um Livro da Via acessível a um leitor atual, não sábio, não poderoso e porventura não masculino, que não busca segredos esotéricos, mas está à escuta de uma voz que fala à alma. Gostava que esse leitor visse por que é que as pessoas amaram o livro durante 2500 anos.

É o mais adorável de todos os grandes textos religiosos: divertido, intenso, generoso, despretensioso, indestrutivelmente provocatório e inesgotavelmente refrescante. De todas as nascentes profundas, esta é a mais pura água. Para mim, é também a nascente mais profunda.

URSULA K. LE GUIN

Os comentários no rodapé de alguns dos capítulos são as minhas próprias reações ao texto. São idiossincráticos, não académicos e para serem ignorados se não forem considerados úteis. Nas Notas no fim do livro, encontram-se mais considerações pormenorizadas acerca de alguns dos capítulos, agradecimentos às minhas fontes e guias e observações sobre como cheguei à minha versão.

Livro Um



1. TAOIZAR

A via que se pode percorrer
não é a verdadeira via.
O nome que se pode dizer
não é o verdadeiro nome.

Céu e terra
começam no inominado:
o nome é a mãe
das dez mil coisas.

Assim, o espírito sem carência
vê o que está oculto
e o espírito sempre carente
vê apenas o que deseja.

Duas coisas, uma origem,
mas diferentes no nome,
cuja identidade é mistério.
Mistério de todos os mistérios!
A porta para o oculto.

Creio que uma tradução satisfatória deste capítulo é perfeitamente impossível. Contém o livro. Penso nele como o Aleph, no conto de Borges: se o vimos bem, contém tudo.

2. ALIMENTO PARA O ESPÍRITO

Todos na terra saberem
que a beleza é bela
gera fealdade.

Todos saberem
que a bondade é boa
gera maldade.

Pois ser e não ser
surgem juntos;
difícil e fácil
completam-se um ao outro;
longo e curto
moldam-se um ao outro;
alto e baixo
dependem um do outro;
nota e voz
compõem juntas a música;
antes e depois
seguem-se um ao outro.

É por isso que o espírito sábio
faz sem fazer,
ensina sem falar.

As coisas deste mundo
existem, são;
não podemos recusá-las.

Suportar e não possuir;
agir e não reclamar;
realizar a obra e deixá-la ir:
pois só deixá-la ir
faz com que permaneça.

Uma das coisas que li neste capítulo é que os valores e as crenças não são apenas culturalmente construídos, mas também parte da interação entre *yin* e *yang*, as grandes reversões que sustentam a harmonia viva do mundo. Acreditar que as nossas crenças são verdades permanentes que abarcam a realidade é uma arrogância triste. Abandonar essa crença é encontrar segurança.

3. SILENCIAR

Não louvar o louvável
mantém as pessoas não competitivas.

Não prezar tesouros raros
evita que as pessoas roubem.

Não olhar para o que é desejável
mantém a mente sossegada.

Assim, o espírito sábio
ao governar as pessoas,
esvaziaria as suas mentes,
encheria as suas barrigas,
enfraqueceria os seus desejos,
fortaleceria os seus ossos,
manteria as pessoas desconhecedoras,
sem desejar,
preservando os que conhecem
de fazer seja o que for.

Quando se faz o não fazer,
nada está desordenado.

Lao Tzu diz, repetidamente, *wei wu wei*: Não façás. Fazer o não fazer. Agir sem agir. Ação por inação. Nada se faz, embora seja feito...

Não é uma declaração suscetível de interpretação lógica ou mesmo de uma tradução sintática para português, mas é um conceito que transforma radicalmente o pensamento, que modifica mentes. Todo o livro é uma explicação e uma demonstração disso.

4. SEM ORIGEM

A via é vazia,
usada, mas não gasta.
Profunda, sim!, ancestral
das dez mil coisas.

Vigor atenuado,
vínculo vago,
luz ténue,
a via é o pó do caminho.

Tranquila,
sim, e capaz de perdurar.
Filha de quem? nascida
antes dos deuses.

Tudo o que Lao Tzu diz é elusivo. A tentação é agarrar-se a algo de tangível na simplicidade infinitamente enganadora das palavras. Mesmo alguns dos seus melhores tradutores eruditos focam-se em valores positivos, éticos ou políticos, no texto, como se isso fosse o que é nele importante. E, é claro, a religião chamada taoísmo está cheia de deuses, santos, milagres, orações, práticas, métodos para obter riquezas, poder, longevidade e assim por diante — tudo o que Lao Tzu diz que nos desvia da Via.

Em passagens como esta, penso ser a profunda modéstia da linguagem que oferece o que tantas pessoas, durante tantos séculos, encontraram neste livro: uma pura apreensão do mistério do qual fazemos parte.

5. VAZIO PROVEITOSO

O céu e a terra não são humanos.
Para eles, as dez mil coisas
são cães de palha.

Os espíritos sábios não são humanos.
Para eles, as cem famílias
são cães de palha.

Céu e terra
agem como um fole:

Vazio, mas estruturado,
movimenta-se, oferecendo-se inesgotavelmente.

A «inumanidade» do espírito sábio não significa crueldade. A crueldade é uma característica humana. Céu e terra — quer dizer, a «Natureza» e a sua Via — não são humanitários, porque não são humanos. Não são amáveis, não são cruéis: esses são atributos humanos. Só pode ser amável ou cruel quem tiver e der valor a um eu. Não se pode sequer ser indiferente se não se for diferente. O altruísmo é o outro lado do egoísmo. Os seguidores da Via, como as forças da natureza, agem desinteressadamente.

6. O QUE ESTÁ COMPLETO

O espírito do vale nunca morre.
Chamem-lhe o mistério, a mulher.

O mistério,
a Porta da Mulher,
é a raiz
de terra e céu.

Para sempre, isto dura, para sempre.
E fáceis são todos os seus usos.

7. BRILHO TÊNUE

O céu subsistirá,
a terra perdurará.
Como poderão subsistir tanto tempo?
Não existem para si mesmos
e assim poderão continuar incessantemente.

Espíritos tão sábios
deixando para trás o eu
avançam
e deixando de lado o eu
permanecem centrados.
Para quê deixar ir o eu?
Para manter o que o espírito necessita.

8. FÁCIL POR NATUREZA

A verdadeira bondade
é como a água.
A água é boa
para tudo.
Não é competitiva.

Vai direita
aos lugares baixos e repugnantes
e assim encontra a via.

Para uma casa,
o que é bom é o terreno plano.
No pensamento,
é boa a profundidade.
O bem de dar é a magnanimidade;
de falar, a honestidade;
do governo, a ordem.
O bem do trabalho é a competência
e da ação, o sentido de oportunidade.

Sem competição,
por isso, sem culpa.

Um límpido fluxo de água percorre este livro, de poema em poema, desgastando o indestrutível, encontrando a via à volta de tudo o que obstrui a via. Água boa para beber.

«O tipo de obra a que a grande poeta polaca Wislawa Szymborska se refere quando fala sobre “aquele raro milagre em que uma tradução deixa de ser uma tradução e se torna... um segundo original”. Vale a pena saborear todo o livro — tanto pela substância ancestral quanto pelo esplendor estilístico de *Le Guin*.»

MARIA POPOVA, *The Marginalian*

A maioria das pessoas conhece Ursula K. Le Guin pelo seu extraordinário talento na ficção científica e fantasia. Poucos sabem como os temas taoistas se encontram disseminados pela sua obra. Este livro presenteia-nos com a visão única e surpreendente de Le Guin sobre o clássico fundador da filosofia taoista.

Baseando-se numa vida inteira de contemplação e incluindo extensos comentários ao longo do livro, *Le Guin* abre uma janela notável para os ensinamentos inspiradores e inultrapassáveis do texto de Lao Tzu e reflete sobre o seu valor inestimável para o nosso mundo.

Numa linguagem simples e compreensível, mas fiel à beleza poética da obra original, esta é uma versão única, quer para os leitores de longa data do *Tao Te Ching*, quer para aqueles que descobrirão o texto pela primeira vez.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Espiritualidades

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789896237202



9 789896 237202 >